

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Míriam Stock Palma²⁶

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Os Estágios de Docência na Formação Inicial têm sido reconhecidos como espaços de fundamental importância para a formação de professores, uma vez que, através dessa experiência, os acadêmicos têm a oportunidade de articular mais efetivamente as teorias educacionais aprendidas na Universidade com as práticas produzidas e realizadas na Escola de Educação Básica.

Em se tratando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), nossos estudantes frequentam os Estágios durante três semestres, atuando nos três níveis da Escola Básica: Infantil, Fundamental e Médio. Naquele momento, retornam à instituição escolar, não mais para cumprir seu ofício de estudantes, mas para se prepararem para outro: ser professor.

Esta obra, para além de registrar a organização desta Atividade de Ensino da ESEFID/UFRGS, dá voz aos principais atores desse cenário, os próprios estagiários, e visibilidade aos sentidos, sentimentos e aprendizagens por eles construídos nesse importante período de sua formação. Seus relatos não se limitam a nos contar sobre suas intenções e ações pedagógicas e, por isso, termos como escola, docência, crianças, professor, planejamento, prática pedagógica, intercalam-se com outros, como alegria, ansiedade, imprevisibilidade, paixão, insônia, superação, evidenciando claramente sua entrega à magia da docência.

Ao receber o convite para escrever algumas palavras sobre o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil senti-me estimulada a compartilhar alguns dos desafios vividos ao longo desses mais de 32 anos como docente da ESEFID/UFRGS. A escrita deste texto foi, assim, uma oportunidade de revisitar o caminho por mim trilhado até aqui e de reafirmar a necessidade de nós, enquanto

²⁶ Doutora em Estudos da Criança pelo Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho/Portugal. Docente Adjunta da ESEFID/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar/GEEFESC da ESEFID/UFRGS. E-mail: miriam.palma@ufrgs.br.

educadores, estarmos constantemente abertos a ensinar, mas especialmente a aprender, uma vez que todo e qualquer conhecimento é efêmero. Muitos dos saberes produzidos há três, há duas ou há uma década foram e são importantes, mas, talvez, não suficientes para a compreensão e a leitura do mundo que nos cerca hoje; as concepções de infância, de criança, de escola, de educação e de escolarização, de ensino e de aprendizagem estão em constante processo de discussão/reflexão; todo dia somos apresentados a novos, rápidos e cada vez mais sofisticados meios de acesso à informação: esses e tantos outros fatos nos remetem à necessidade da aproximação entre a Universidade e a Escola Básica, facilitando o diálogo entre os diferentes atores dessas Instituições e a produção conjunta de conhecimentos.

Houve um tempo em que professor era o que ensinava e aluno, o que aprendia. Entretanto, todos, sem exceção, ao longo de todo o ciclo de vida, temos o que ensinar e o que aprender... e, se não for assim, muito fácil e rapidamente nossas vidas perderão sentido. Não há início ou final de semestre em que eu não me pergunte: este é o melhor caminho? Como tornar esta disciplina ou atividade de ensino melhor? Do que mesmo os meus estudantes precisam para se tornarem professores exemplares, competentes, dedicados aos seus futuros alunos e, além disso, comprometidos com a profissão que escolheram?

Tenho a convicção de que a carreira docente exige um repensar cotidiano sobre o fazer pedagógico em que a empatia seja concebida como um valor central nesse processo. Ser professor – em todos os níveis de ensino, inclusive no universitário – requer colocar-se no lugar do outro, porque as possibilidades são infinitas, quando o assunto se refere à percepção da realidade pelos sujeitos. Não aprendemos todos da mesma forma, não sentimos todos de maneira semelhante, não agimos todos de modo similar.

Nessa perspectiva, o supervisor de estágio deve estar consciente de que, ao receber seus estudantes, está frente a frente com sujeitos que foram construindo conhecimentos, crenças e valores, não somente ao longo da formação universitária, como durante todo o processo de formação pessoal e que, mais do que uma exigência acadêmica, o estágio se configura uma experiência de vida em que esses mesmos conhecimentos, crenças e valores poderão ser colocados à prova. Para Souza Neto, Sarti e Benites (2016), é esperado que os estudantes de Licenciatura considerem o estágio um dispositivo de formação profissional e formulem uma nova

concepção de si, não mais como estudantes, e sim, como professores, o que, no nosso entendimento, nem sempre se constitui tarefa fácil para os acadêmicos, porque exige deles a desconstrução e a reconstrução de saberes que, por vezes, os acompanharam ao longo de muitos anos, ou décadas.

Com o objetivo de permear o processo da formação inicial com a aproximação à realidade da Escola Básica, temos proporcionado aos acadêmicos, no âmbito de algumas disciplinas que antecedem os Estágios de Docência obrigatórios, algumas visitas a instituições educacionais para conhecerem suas estruturas e funcionamentos, observações de crianças em atividades espontâneas e em aulas de Educação Física, bem como, a possibilidade de ministrarem algumas aulas de tal forma a irem se familiarizando com contextos similares aos que se farão presentes nos estágios. Concordamos com Tardif e Lessard (2005), entretanto, que as experiências mais significativas nesta preparação para a docência serão dependentes do tempo e da permanência do acadêmico na escola para que possa (re)construir conhecimentos e ressignificar os contextos em que está imerso.

É na 5ª etapa do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS que, via de regra, os acadêmicos terão a oportunidade de frequentar o primeiro dos 3 estágios obrigatórios: o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. Até essa altura, raros são os estudantes que tiveram alguma experiência regular de docência com crianças desse nível de ensino e, por isso, o processo de entrada nessa atividade é marcado por sentimentos bastante diversos, dentre os quais se destaca a ansiedade, por terem de lidar com o desconhecido, saber o que é adequado fazer em cada momento, ter sua autoridade reconhecida pelas crianças, resolver conflitos durante as aulas, entre outros. Souza Neto, Sarti e Benites (2016, p. 320) destacam que, “[...] sentimentos de total vulnerabilidade e desamparo na situação de ensino podem ser paralisantes para os estagiários e professores iniciantes e gerar os abandonos precoces do magistério” e, enquanto supervisores de estágio, acreditamos que, neste momento, torna-se crucial ouvi-los e acolhê-los de tal forma que possam sentir que, efetivamente, estão e continuarão sendo acompanhados durante essa caminhada.

2. OS PRIMEIROS ENCONTROS

Nossos primeiros encontros na Atividade de Ensino do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil, são caracterizados pela alternância entre reuniões (entre supervisora e estagiários) e visitas às instituições/observações e acompanhamento das rotinas das turmas de Maternais e Jardins de Infância para que os acadêmicos possam, desde cedo, refletir sobre as teorias educacionais e relacioná-las à realidade de seu campo profissional, a partir da leitura desses novos cenários sociais, econômicos, culturais e políticos, nos quais passam a se inserir. Se até há algum tempo era considerado um bom professor aquele que detinha muitos conhecimentos relativos à sua área de atuação, hoje, temos o entendimento de que o processo ensino-aprendizagem exige do professor uma compreensão e conhecimentos que extrapolam, em muito, a especificidade do conteúdo a ser ensinado/aprendido. Que concepções de criança e de infância têm nossos acadêmicos? Quais as similaridades e as diferenças entre os contextos de vida desses futuros professores e os das crianças com quem trabalharão? Como é constituído o Projeto Político Pedagógico da escola em que irão exercer sua docência? Como elaborar um Plano de Trabalho adequado à realidade da sua turma? Como lidar com as diferentes manifestações de afetividade das crianças? Como estabelecer comunicação com as crianças, através de diferentes linguagens?

Esses e tantos outros questionamentos surgem e são debatidos em nossas reuniões, o que não seria possível sem que os acadêmicos saíssem dos muros da Universidade e passassem a vivenciar outras realidades, como as escolas, que são, na visão de Libâneo (2006), ambientes formativos imprescindíveis para a constituição de uma docência de qualidade. E assim, pesquisando os documentos oficiais da escola, conhecendo as dinâmicas da comunidade escolar, aproximando-se e sendo reconhecidos/acolhidos pelas crianças e pelos demais atores da instituição, dialogando com os pares e com a supervisora, os estagiários elaboram um diagnóstico da realidade, o qual os subsidia a pensarem, escreverem e desenvolverem seus Planos de Trabalho.

3. UM LEQUE DE EXPERIÊNCIAS

Após esse período inicial, os estagiários passam a dedicar dez horas semanais (em duas tardes) às atividades diversificadas do estágio no interior da Escola Infantil. Chegou a hora não só de conhecer a cultura escolar, como de fazer parte dela e de, efetivamente, poder experimentar um sentimento de pertencimento àquele contexto. Para Neira (2008), a cultura escolar carrega consigo hábitos, valores e costumes marcados pela diversidade de etnias, classes sociais e gênero, os quais julgamos de fundamental importância serem reconhecidos pelos nossos acadêmicos. Sendo assim, a partir de uma organização conjunta entre coordenação pedagógica da escola, educadoras, supervisora e estagiários, são criadas rotinas nas quais estes últimos terão a oportunidade de ministrar suas aulas, observar as de seus pares (colegas estagiários), acompanhar as atividades de suas turmas junto às educadoras, elaborar planejamento e registros em diário de campo, além de participar de reuniões semanais com a supervisora e os pares.

No processo de formação profissional em Educação Física na Educação Infantil, compreendemos a atuação do acadêmico junto às crianças como o ponto central desta atividade de ensino; entretanto, ela poderá ser enriquecida com os elementos citados acima. A observação de aulas de Educação Física ministradas pelos colegas é uma excelente oportunidade de o estagiário poder ampliar os conhecimentos acerca de cenários semelhantes (ou não) aos da sua turma, refletir sobre outras práticas pedagógicas possíveis e, através do diálogo com os pares, dar sua contribuição para um trabalho coletivo de qualidade. Considerando que os estagiários atuam junto a crianças de Maternais e Jardins de Infância, julgamos propício que eles também possam acompanhar as rotinas de suas respectivas turmas – durante parte do turno em que estão na escola – favorecendo, assim, uma interação mais aprofundada com o contexto da Educação Infantil, uma melhor compreensão da cultura infantil, além de viabilizar o estabelecimento de um vínculo afetivo mais profundo, especialmente com as crianças, mas, também, com as educadoras.

Outro aspecto importantíssimo na rotina dos estagiários constitui-se na escrita dos diários de campo, em que são registradas as atividades que efetivamente foram realizadas, bem como elaborada uma reflexão sobre a aula ministrada, o que

inclui, por exemplo, a participação das crianças, a interação entre elas e entre elas e os estagiários, os conflitos, a escolha do método utilizado, as demonstrações de emoções, o desenvolvimento motor das crianças e tudo o mais que os acadêmicos julgarem importante. Esse registro cotidiano tem sido considerado por eles um instrumento fundamental para a constante revisão de seu planejamento e, conseqüentemente, de sua prática, bem como para a elaboração dos pareceres das crianças, ao final do estágio.

As reuniões entre a supervisora e os estagiários ocorrem com frequência semanal e são momentos de crescimento mútuo, em que as mais diferentes situações vivenciadas no contexto do estágio são verbalizadas, em que juntos, buscamos soluções para os problemas surgidos, em que avaliamos e planejamos, enfim, em que os estagiários encontram o apoio de que precisam para continuarem na busca constante de um trabalho de qualidade.

É importante mencionar que as estratégias utilizadas durante o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS foram sendo modificadas ao longo do tempo e também dependentes das possibilidades oferecidas pelas Escolas Infantis. Nesse sentido, o estreitamento das relações entre a universidade e as referidas escolas foi decisivo para uma melhor formação dos futuros professores e para que as crianças pudessem usufruir de programas de Educação Física de qualidade no contexto escolar.

4. PREPARANDO-SE PARA FINALIZAR O ESTÁGIO

Todos sabemos da importância de um bom planejamento para nossas práticas pedagógicas, ainda que, por si só, ele não seja garantia de sucesso. Para tanto, é indispensável que, ao longo de todo o processo de implementação de programas de Educação Física na Educação Infantil, haja uma reflexão quanto aos objetivos traçados, aos conteúdos desenvolvidos, aos métodos empregados e aos critérios de avaliação concebidos. Nossos estagiários têm sido estimulados, continuamente, a repensar o seu fazer pedagógico e, conseqüentemente, têm se esforçado para, sempre que necessário, corrigir os rumos dessa caminhada de tal forma a dar conta dos desafios impostos na docência. Nessa direção, ao se aproximarem do final desta etapa são convidados a produzirem uma autoavaliação e

têm a missão de elaborarem, com orientação da supervisora e embasados nos diários de campo construídos ao longo do semestre, pareceres descritivos sobre suas turmas e sobre cada um de seus estudantes. Esses pareceres, após revisados pela supervisora e pela coordenação pedagógica das escolas, são entregues aos pais em reuniões destinadas para tal fim.

5. EM TOM DE CONCLUSÃO...

Ao longo de tantos anos de docência tenho testemunhado, através das atividades integradas de ensino, de pesquisa e de extensão – especialmente na área da Educação Física na Educação Infantil – mudanças profundas quanto às concepções do que é ser um bom professor. Especialmente a supervisão do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil da ESEFID/UFRGS tem-me permitido fazer uma leitura mais fiel da realidade de nossas crianças, de nossos professores, de nossas escolas e, de forma mais próxima, da realidade desses e dessas jovens em processo de Formação Inicial, que acreditam na profissão que escolheram, que estão ávidos por aprender e dispostos a vencer os desafios impostos na docência para levar às crianças e jovens uma educação de qualidade através da Educação Física.

A mim, é especialmente instigante acompanhar esses jovens ao longo dessa caminhada, sabendo que ensino, mas muito aprendo com cada um. É fascinante vê-los felizes por terem dado uma boa aula, ou por terem cativado alguma criança, ou ainda, por terem conseguido mediar um conflito, depois de terem tremido dos pés à cabeça no seu primeiro dia de aula. É interessante vê-los confiantes em si próprios e saber que estão dando o melhor de si para se tornarem professores competentes e comprometidos com a educação na escola.

É certo que eles precisam sentir que não estão sós nessa caminhada: a supervisão constante, o acompanhamento e o diálogo com os colegas estagiários, o acolhimento da instituição escolar e a organização do currículo na Universidade são referências importantíssimas para que continuem acreditando em seus ideais e entusiasmados para atingir seus objetivos.

Para finalizar, reitero a necessidade de a Universidade assegurar tempos e espaços suficientes de formação para seus acadêmicos e desejo que os saberes

nascidos das experiências vividas nos espaços escolares possam ser considerados e socializados, como o foram nesta obra.

6. REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, J.. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 843-876, 2006.

NEIRA, M.. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p.81-9, 2008.

SOUZA NETO, S.; SARTI, F.; BENITES, L.. Entre o ofício de aluno e o *habitus* de professor: o desafio do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 311-324, 2016.

TARDIF, M.; LESSARD, C.. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.